

| Conto

O GRANDE RECALCADO

Por Sidney Andrade

Um tremendo hipócrita.

Na infância, passou as tardes e noitinhas correndo dos punhos dos moleques, descalço, no barro. Chupou chupeta até depois de todas as outras crianças, sendo necessário um mergulho em pimenta para fazê-lo largar do apego tardio. À noite, já maiorzinho, olhou os carros cortarem a avenida – “Esse não, muito pequeno. Amarelo eu não gosto!”. Sem muito ânimo, andou sempre com os primos, foram caminhando diariamente à casa da tia como pretexto para passarem pela borracharia e espiarem as formas carnosas grudadas nas paredes de graxa. Ele nunca viu muita graça nisso, foi pra não ficar de fora, como sempre.

Na escola, o último a ser escolhido na queimada do recreio, o primeiro a ser acertado na cara. O último a ser olhado pelas menininhas, o último a olhar pra elas também, já que foi sempre o primeiro da turma. Não cochichou durante as aulas, não deu cola, jamais colou! Não saiu pro cinema com a galera. Mesmo assim, ainda fez uns poucos amigos que não gostou muito – não entendeu como puderam se apegar a ele assim. Não fez muita questão de tê-los, apesar da insistência. “Se querem ficar, que fiquem.”

Terminou a escola, inscreveu-se em três universidades públicas, passou de primeira nas três. Muito inteligente o rapaz. Teve de escolher apenas uma, já que optou pelo mesmo curso em todas. Pouco inteligente mesmo foi sua escolha. Curso bonito demais e rentável de menos, principalmente quando, em casa, tudo lhe pareceu faltar. Reclamou do conforto, protestou das finanças exaustivamente, mas achou de escolher uma profissão que não lhe garantiria o luxo cobiçado. Começou sem ânimo, foi por força do hábito de estudar. Desfrutou, encantado, da inédita sensação de liberdade e maturidade que era a de sair da sala de aula sem dar satisfações, à hora que quisesse – sempre bem antes da metade.

Não chegou a meio caminho do curso medíocre e sem futuro. Teve um problema de saúde crônico, incapacitante, que veio a prestações. A primeira crise o fez repensar em tudo e, num assomo de esperança retomada, a vida toda ficou bela, tão bonita de se ver quanto um bebê bochechudo e rosado. Viveu a paz de quem se satisfaz com a própria sorte,

esqueceu do passado, formulou futuros brilhantes. De súbito, passou a amar o curso universitário o qual ainda não era totalmente incapaz de frequentar. Ainda.

Veio a segunda crise, inesperada e injusta pra quem se julgou redimido pela primeira. Tornou-se inábil para concluir os estudos. Tudo cinza como as rugas de um velho, de novo – curso medíocre, vida medíocre, ele medíocre, pobre, feio, desempregado e incapaz.

Adulto, assumiu um ar de “infância difícil/adolescência conturbada”, passou a expurgar o rancor em escritos avulsos. Não os divulgava muito, mas um daqueles amigos insistentes do tempo da escola acreditou no seu potencial literário. O amigo conhecia um cara que conhecia um cara... de modo que os escritos renderam-lhe algum reconhecimento. Só reconhecimento, nada de lucro, nada daquele carro grande e não-amarelo do sonho de pivete. Mas ele não queria se importar com isso.

Em tempo algum sentiu-se amado ou, ainda pior, passível de o amarem. Contudo, bem no fundo – arre! Sempre no fundo, lá no fundo! – pedia o par perfeito, embora sua afirmação característica fosse a de que isso era utopia de tolos. Nunca namorou ninguém. Uma auto-pretendente, de repente, passou a chamar-lhe querido. Ele estranhou – “Por que você me ama?” –, mas sentiu-se desesperado para amá-la em retorno. Não conseguiu. Puniu-se por isso. Rendeu-lhe outro escrito genial.

Adotou a filosofia de que o dinheiro não é tudo. Pão com manteiga todo dia ajudou a fixar bem essa idéia na cabeça. Repudiou a forma predatória, voraz e impiedosa do sistema capitalista, subjugador das essências humanas, deturpador de ideais. Teria sido inspirador para Marx. Fez amigos pobres para não se sentir inferiorizado diante dos conhecidos ricos que vieram de brinde com seu sucesso de crítica. Seus feitos literários, vômitos cada vez mais freqüentes de uma raiva psicossocial, tornaram-no famoso entre os intelectuais de todo tipo – os ricos que fingiam ser cultos, os cultos que fingiam ser ricos... Riu deles, de sua falsa satisfação, de seu apego efêmero, de sua ingenuidade para com o que realmente importa na vida. Não sabia o que realmente importa, mas se ele, pobre, rejeitado e desgraçado desde sempre, não podia saber, tampouco um almofadinha poderia. Ouviu-os, atento, afinal qualquer coisa que lhe dissessem seria aproveitável para mais uns personagens brilhantes.

Certo dia, conversando com um de seus tantos “musos” abonados, resolveu perguntar-lhe sobre as posses e os rendimentos mensais. Não devia ter perguntado. O tal inquirido, homem de meia idade, feliz da vida, conhecia seus escritos e mais uns outros bons de crítica para disfarçar os livros de auto-ajuda que o preenchiam tão perfeitamente

(com estes descobriu o segredo para o trabalho perfeito, a residência perfeita, a esposa perfeita, os filhos perfeitos, o cachorro perfeito, o amante gay perfeito...), contudo não tinha bem certeza se “fingir” se escrevia com J ou G.

O riquinho informou-lhe com inadmissível naturalidade, para seu espanto e indignação, que ganhava mais no mês do que o custo de sua vida inteira de escassas regalias. Não devia ter perguntado. Embora já imaginasse a situação, ouvir as cifras exatas da voz de quem as esbanja foi demais. Não devia ter perguntado. Saiu com o tom de superioridade moral de sempre e um sapo que subiu-lhe ao gogó. Não devia ter perguntado! Pôs-se, então, como de costume, a vomitar suas revoltas. Quis cuspir este último sapo no papel. Não, não devia ter perguntado! Foi quando decidiu escrever sua autobiografia, intitulada “**O Grande Recalcado: Um Tremendo Hipócrita.**”

SIDNEY ANDRADE (Paraíba) - Graduando em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Mantém o blog *Divagante* (sidneyandrade.blogspot.com).